

## DISCURSOS CRUZADOS: NEGRITUDE E MISCIGENAÇÃO NA AMÉRICA CONTEMPORÂNEA

Zélia M. Bora

A presente discussão explora a relação entre o texto imagético, reproduzido e veiculado pelos meios midiáticos, e o discurso político. Breves referências teóricas foram elaboradas, tomando-se, como ponto de partida, o livro *Sobre Fotografia*,<sup>1</sup> de Susan Sontag. Outros aspectos mais precisos sobre a semiótica da fotografia, dados os propósitos da investigação, não foram incluídos nesse artigo.

Direcionamentos atuais sobre as novas políticas raciais nos Estados Unidos ressoam nas abordagens do sociólogo Robert Allen, especialmente, em seu artigo: *Barack Obama and the Children of Globalization*<sup>2</sup>. Allen desenvolve uma argumentação na qual objetiva explicar o rápido crescimento político do Senador Barack Obama, na época, candidato à Presidência da República. Analogicamente, os escritos do sociólogo ajudam-nos a entender a relação entre a política e a fotografia, uma vez que os textos materializados pelas palavras se encontram em consonância com a densidade simbólica que brada no artefato semiológico não-verbal. A essencialidade da argumentação utilizada por Allen diz respeito ao *background* étnico de Barack Obama, que se caracteriza como parte de uma nova sociedade multiétnica e global dentro da agitada sociedade norte-americana. Esse estudo sugere novos parâmetros para revisão de temas conceituais utilizados pela literatura e pela cultura, como: diáspora, transnacionalismo, identidade e exílio. Convém destacar que tais questões são vislumbradas a partir dos mecanismos organizacionais que regem sociedades disciplinares e ante o papel da cultura na época globalização.

Assim, para entendermos o desenvolvimento da problemática, faz-se necessário uma contextualização, pelo menos, sobre um dos livros de Robert Allen, hoje um clássico

---

<sup>1</sup> Susan Sontag, *Sobre Fotografia*. Companhia das Letras, 2007.

<sup>2</sup>“Barack Obama and the Children of Globalization”. *Journal of Black Studies and Research* Vol 38, No. 4 Winter, 2008. Robert Allen, Sociólogo norte-americano, Professor da Universidade da Califórnia em Berkeley.

nas universidades norte-americanas, adotado nos programas de Estudos Culturais e Afro-Americanos, *Black Awakening in Capitalist America*<sup>3</sup>.

Escrito nos anos sessenta, quando seu autor tinha apenas 25 anos, o livro permaneceu no ostracismo intelectual até a sua primeira edição nos anos noventa. Profundamente comprometido com a descrição de como a sociedade norte-americana imaginava a nação nos anos sessenta, o livro lança muitos questionamentos sobre o papel dos diversos discursos políticos na perspectiva dos grupos nacionalistas negros da época. A obra apresenta os conceitos de identidade, classe e raça, segundo as configurações axiológicas que marcaram os anos sessenta, recuperando os direcionamentos estratégicos que foram utilizados por esses grupos para alcançarem seus objetivos políticos, em consonância com uma população oprimida pelas dinâmicas do capitalismo.

O livro discute como alguns grupos políticos “utilizaram” a chamada solidariedade para o entendimento e trocas ideológicas entre os movimentos negros libertários e os grupos políticos da Ásia e América Latina, herdando, não dificilmente, suas influências e impasses. Em linhas gerais, a leitura do livro é necessária para todos aqueles que estudam o papel das mediações culturais e suas representações na sociedade contemporânea, sobretudo a norte-americana, e suas influências na formação de uma nova sociedade estadunidense, caracterizada pela atuação de novos sujeitos no espaço nacional. Esses novos sujeitos são denominados, por Robert Allen, de *Children of Globalization* ou crianças da globalização. A nossa proposta de discussão se relaciona aos chamados efeitos imagísticos aplicados sobre essas realidades sociais, mais especificamente sobre aquela desenvolvida durante a campanha e a vitória do candidato à presidência Barack Obama. Como ressaltamos, em linhas anteriores, retomaremos alguns dos aspectos mais relevantes para a nossa leitura acerca do contexto político dos anos sessenta, debatidos no livro *Black Awakening in Capitalism America*.

Um dos temas essenciais recorrentes no livro e, eufemisticamente, transplantados para o contexto da globalização, é o termo Revolução (*Revolution*). Entendido em termos de rebelião, a revolta negra nos anos sessenta buscava, sobretudo, reformas sociais, uma vez que a grande massa de trabalhadores negros, juntamente com os demais grupos

---

<sup>3</sup> Allen, Robert. *Black Awakening in Capitalist America: An Analytic History*. Africa World Press second edition: New Jersey 1992.

constituídos por minorias étnicas de origem hispânica e asiática, era economicamente destituída de recursos, perfazendo, na época, uma percentagem de um milhão de famílias que viviam na pobreza entre os anos 60 e 66, num total de 34 por cento da população<sup>4</sup>. Nesses termos, as populações negra, hispânica e asiática, diferentes, por exemplo, dos segmentos de classe média que adquiriram vitórias políticas e sociais através das ações afirmativas implementadas na época, foram incorporadas aos extratos de uma nova classe média, enquanto as massas pertencentes a essas etnias foram submetidas a um processo político denominado, por Allen, de colonialismo doméstico que, nos anos sessenta, estendia seus tentáculos, especialmente, em direção aos contextos internacionais relacionados à América Latina e Ásia.

As reflexões de Allen, no entanto, não tencionam arquitetar respostas definitivas, construídas por parte do leitor, mas asseverar, profeticamente, que a construção utópica da revolução, independente de seu espaço geográfico, encontrava-se profundamente comprometida por diversos fatores, entre eles: “reveses, vitórias tangenciais, derrotas periféricas, atalhos, atrasos, bruscas quedas e impasses” (ALLEN, 1992). Isso significa que, embora sujeita a esses esvaziamentos, o sentido de rebelião permaneceu como uma utopia para a grande maioria da população negra dentro do Estado nacional norte-americano. Nesse caso, como constatou Allen, a integração política não ocorreu porque a estrutura social não pôde acomodar os que estavam na base da escala econômica. Dessa maneira, a nação e as diversas identidades negras e híbridas, nos anos setenta, multiplicaram-se pela adoção de mediações políticas e culturais que decidiriam os seus destinos, enquanto cidadãos norte-americanos, tornando-se novos sujeitos “imaginados” na sociedade norte-americana.

Atualmente, a releitura do clássico *Black Awakening in Capitalist America* nas Universidades norte-americanas deve-se à lucidez e à profundidade com as quais o sociólogo define o colonialismo interno norte-americano, tornando-o um instrumento de análise para a compreensão dos mecanismos e condicionamentos estabelecidos pelo capitalismo global (embora ele não use, nesse período, o termo) sobre as populações oprimidas nos Estados Unidos e fora deles, em continentes como África, Ásia e América Latina. O paradigma proposto por Allen supera ainda a visão reducionista do problema

---

<sup>4</sup> Allen, Robert. *Black Awakening in Capitalist America* p.27

sobre o racismo. Concebe-o como um mecanismo perpétuo de exploração de uma raça pela outra, contextualizando-o sob as engrenagens e mecanismos bem mais sofisticados, ligados às dinâmicas do capitalismo. Entretanto, o que difere, nas argumentações principais utilizadas pelo sociólogo nos anos sessenta, e as usadas no presente momento é, indubitavelmente, a análise da ação política empreendida pelos novos sujeitos coloniais que redimensionam novas definições sobre identidade, pertencimento, exílio e local de origem. Essas questões culminam, na visão do sociólogo, em uma eleição vitoriosa de Barack Obama para presidente. Tais argumentações encontram-se delineadas em seus artigos, “*Barack Obama and the Children of Globalization*”(2008) e *Barack Obama*<sup>5</sup> (2009).

Como o próprio título de seus artigos sugere, o presidente Barack Obama é o principal sujeito da narrativa. Aparece figurativizado como resultado de um processo político empreendido por uma sociedade que se caracterizou pela violência sistematizada contra milhares de pessoas que, durante décadas, viveram sujeitas a um regime de expropriação, escravidão e genocídio. A eleição do jovem presidente despertou, inicialmente, profundas controvérsias sobre a sua suposta americanidade e negritude. Nos anos sessenta, como se observa pelas informações históricas, havia uma quase inexistência de pacto social entre a maioria das populações negras e mestiças norte-americanas que reclamavam medidas sociais urgentes, com objetivo de integrarem-se ao discurso nacional hegemônico por serem caracterizadas como segmentos excluídos. Ainda na América dos anos sessenta, já se observava, gradativamente, o aparecimento de novos sujeitos, no contexto social, prontos para reivindicarem a derrubada das últimas barreiras da exclusão social.

Nos fins dos anos setenta, os novos “grupos mestiços” procuravam, através de elementos transculturados, dialogar com a cultura metropolitana, em perspectiva conciliatória. Através desse interrelacionamento, esses novos atores ultrapassaram a chamada concepção tradicional e fechada de diáspora, chegando à aquisição política da americanidade desejada, garantida pelo lugar de nascimento.

---

<sup>5</sup> Allen, L. Robert. “*Barack Obama*”, National Institute for the study of Dutch Slavery and Its Legacy. Amsterdam: 10/10/2009

Esses “filhos da globalização”, como deixa entrever Allen, ao contrário de seus pais, na grande maioria emigrantes, já não possuem a nostalgia do local de origem, nem também terão de conviver com o estranhamento da volta, uma vez que o retorno não se organiza como um projeto definido. Nesse caso, o local de origem será reconstruído constantemente para aqueles que possuem pais não nascidos nos Estados Unidos, por entremeio de um elo comunicativo, no qual o sujeito global, na condição de um suposto “filho da globalização”, negocia, ao mesmo tempo, com os dois espaços: um, dentro; e outro, fora dos Estados Unidos. Mediante essa perspectiva, a nova disseminação proposta na interpretação de Allen sobre os filhos da globalização não carrega a possibilidade de retorno com todas as suas impropriedades, mas, acima de tudo, produz a (re)escritura de uma nova narrativa sobre a nação, que não mais porta uma concepção exclusiva de pátria mas de pátrias, como dois espaçamentos que se complementam.

Retomemos, agora, os padrões de análise sugeridos no arcabouço textual esboçado pelo sociólogo no célebre trabalho: *Barack Obama and the Children of Globalization*. Vejamos, de ímpeto, a relação entre o título, a concepção de filhos da globalização, e linguagem utilizada nas fotos do então presidente, antes, durante e depois de sua campanha para presidência da república. Esses diferentes contextos, ou momentos biográficos, são, em nossa discussão, enfatizados como uma linguagem visual, detentora de múltiplos significados, prestando-se a um padrão cultural e uma imagística, cuja função é a produção de uma realidade virtual e um ato comunicativo. Tal narrativa pode ser entendida como uma breve história visual da trajetória política de Barack Obama, tendo, como referenciais, alguns antecedentes biográficos, sua performance comunicativa como senador e, finalmente, a sua vitória para a Casa Branca. Ao final, concluiremos com uma mensagem visual, cuja forma e função apresentam-se como uma “oração visual” que nos leva a uma afirmativa dotada de uma função representada por um discurso independente, congruente com a leitura do artigo proposto pelo sociólogo, que se presta, em nossa leitura, a uma relação intertextual.

*A Educação pela foto: gênese e dialética*

Como sabemos, a história da fotografia encontra-se relacionada à própria história da modernidade europeia na primeira metade do século dezenove (1839). Embora não seja a nossa intenção, aqui, criar um inventário sobre a fotografia na modernidade, sabemos que o papel revolucionário desse instrumento situa-se em sua capacidade de direcionar as nossas idéias para os fins mais diversificados, por intermédio da supremacia do domínio visual que, além de assemelhar-se a uma construção gramatical<sup>6</sup>, é antecipada por uma semiose específica, com funções e propósitos peculiares. Esse inventário sógnico assemelha-se a um texto escrito que suscita afirmações, negações, concordâncias e discordâncias. Uma fotografia é, portanto, uma consciência dotada de uma certa racionalidade, sobre uma determinada experiência encerrada por um determinado lugar ou uma pessoa. Os índios norte-americanos estavam, possivelmente, certos em suas primeiras impressões sobre o caráter simbólico da câmera fotográfica. Horrorizados diante dessa invenção, eles se recusavam a tirar fotos por acreditar que as mesmas poderiam aprisionar as suas almas. Se levarmos em consideração a estrutura da câmera fotográfica, entenderemos que a idéia de encarceramento momentâneo, captado pelo indígena, é assaz pertinente. Ao nos expormos diante dela, tornamo-nos prisioneiros de um espaço marcado por um confinamento simbólico e ficamos a mercê daquele que tira a fotografia. Aprisionadas por um momento que nunca mais se repetirá, nossas almas permanecem seladas por um sentido de linguagem represada.

O mundo do fotografado, por sua vez, é o local onde ele idealiza ou toma posse simbólica do desejo de possuí-lo, conotando a suas intenções e, certamente, demonstrando outras. Dessa maneira, a fotografia constitui-se como geradora de um conhecimento sobre a identidade do fotografado, de sua alegria ou de sua tristeza, do seu mundo, ou do seu exílio, de seu gozo ou de seu martírio, do seu passado ou como projeções de um mundo no qual o ator está. As imagens, assim como os lugares, tornam-se, conforme o testemunho de Susan Sontag, “pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir. [elas] são reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas, adulteradas”<sup>7</sup>. Além de se constituírem como um lugar ou um

---

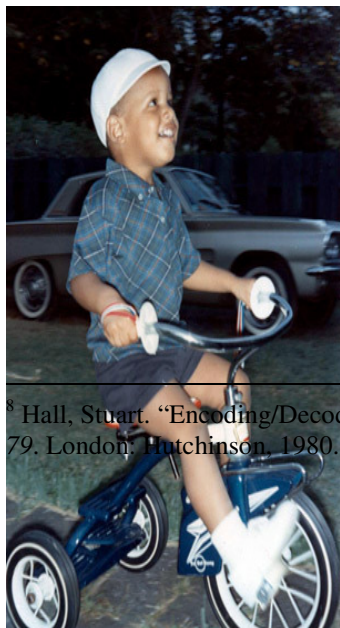
<sup>6</sup> Sontag, Susan. *Sobre a fotografia*. (On Photography) Editora Schwarcz, 2004

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_ . “Na Caverna de Platão”. Sobre a fotografia p. 15

momento estático, a “fotografia fornece um testemunho, uma utilidade, um registro incriminatório a serviço e controle do Estado.

Enquanto a fotografia comum, tirada ao acaso, capta a descontração ou a tensão do momento, a foto oficial guardará, para sempre, a sua discrição e a cautela frente a um olhar tendencioso e sempre atento do fotógrafo, como também a do receptor da mensagem “fotográfica”. O receptor, por sua vez, nunca estará alheio aos possíveis efeitos que a fotografia possa inspirar, uma vez que toda imagem é provida de significação. Codificada e decodificada, ao mesmo tempo<sup>8</sup>, como uma mensagem, a fotografia, é também codificada dentro de um contexto cultural a ser decodificado por todos aqueles que veem e leem a mensagem contida na foto. Como uma linguagem verbal que proporciona os segmentos de um texto narrativo, o artefato fotográfico é um recurso metafórico e metonímico.

As campanhas políticas, dirigidas por agências publicitárias, são conceptualizadas após o planejamento de uma estratégia, com o objetivo de criar um impacto de signos e, conseqüentemente, uma mensagem eficiente para o consumidor/ receptor. Observando uma série de fotos da campanha do Presidente Barack Obama, verificamos que as imagens falam e, surpreendentemente, dizem mais que as palavras. Certamente, por isso, contribuíram para definir a eleição para Presidência da República. Como um fator decisivo entre o público jovem, as imagens biográficas de Barack Obama influenciaram milhares de jovens que se identificaram com a jovem e “racialmente mestiça” imagem do presidente. Um possível efeito contrário, contudo, foi percebido entre as gerações mais conservadoras e, politicamente, influenciadas pelo peso do maniqueísmo racial. Notemos:



<sup>8</sup> Hall, Stuart. “Encoding/Decoding”. *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies*, 1972-79. London: Hutchinson, 1980. 128-138

(Figura 01)

(Figura 02)

(Figura03)

Quando, por exemplo, retomamos esse conjunto de fotografias, observamos que elas obedecem a uma cronologia relacionada à trajetória biográfica do candidato, hoje presidente. Ao selecionarmos, por exemplo, a imagem da criança Obama em um triciclo (foto 1) e a criança e seu avô na praia (foto 2), estabelecemos imediatamente a relação entre infância e parentesco que instituem, segundo uma ordem ideológica tradicional, a origem familiar. Tal configuração é, logo, complementada pela imagem da mãe numa singela foto com o bebê Obama. Pelos vários discursos que tangenciaram o período eleitoral, sabemos que a imagem do pai estrangeiro foi de pouca influência na formação intelectual do menino, um fato que é reiterado pela plasticidade representada pela semiose avô-mãe-avó. Na ausência simbólica do pai, o avô e mãe assumem as posições que garantem a reorganização do modelo patriarcal estilhaçada pela imagem de uma família de pais separados. Assim, o avô materno complementa a carência educacional e emocional do menino ao lado da mãe, em um determinado período.

À medida em que o leitor prossegue em sua leitura, sua atenção é então dirigida a outros fatos igualmente importantes na vida do adolescente Obama, como, por exemplo, a imagem feliz com os avós (foto 4) e a sua experiência multi-cultural com os amigos na Indonésia (foto 05). Ao contrário das fotos nos Estados Unidos, onde os espaços são predominantemente abertos, as da Indonésia e África vão ser breves e definitivas, como inscrições sociais passageiras, mas não menos importantes para a vida adulta do jovem Obama. Enquanto as cores das fotos nos Estados Unidos são vivas e alegres, enfatizando os espaços sempre como festivos e motivadores, (representado pela visão do mar ou o aconchego familiar), um contraste ótico e semiótico é criado pela imagem do jovem, não mais uma criança, na África, com a sua avó paterna (foto 6). Muito significativa, a fotografia do jovem Obama na África, representa, por si só, a função imagética e



ideológica que lhe foi concedida, ou seja, relatar o seu encontro com as raízes paternas como uma recuperação simbólica de sua identidade racial. Observemos as seguintes fotografias:



(foto 04)



(foto 05)



(foto 06)

Em oposição aos espaços americanos, largos e aptos à socialização, propícios a eventos que formalizarão a sua iniciação social plena e definitiva, a passagem pela África é breve e, definitivamente, apresenta-se como um espaço essencial, porém restrito à sua experiência pessoal. Esses valores são, logo, substituídos por outros ícones que definem a sua identidade como ser social: o universitário Obama em Harvard (foto 07) e o homem responsável e fiel ao compromisso social que o casamento lhe confere (foto 08). Após a organização dos dados pessoais de Barack Obama, a “camêra narra” o seu aparecimento aos olhos do público. Ao julgar-se pela foto, homem com uma pipa (foto 09), o público em geral decodifica a mensagem com profunda simpatia, “absorvendo” a mensagem representada pela foto, de esperança e credibilidade, expressa meses depois pelo resultado vitorioso do candidato às eleições. Todas essas imagens estão, harmonicamente, amparadas por um só um texto imagético que confirma o verbal, de forma a

complementar a necessidade de todos americanos abraçarem a proposta do jovem candidato que, como um típico exemplo de tenacidade, configura-se como a mais perfeita representação do novo sonho americano. Debrucemo-nos, nesse momento, nas seguintes imagens:



(foto 07)



(foto 08)



(foto 09)

### Considerações Finais:

Uma breve abordagem semiótica foi utilizada com a finalidade de demonstrar como a historicidade de Barack Obama, contada através de suas fotos de campanha, consubstanciou-se num metatexto, onde semióticas diversas foram mobilizadas, capaz de construir um ethos que, aquiescido pela população americana, conduziu o candidato à Presidência da República. Levando-se em consideração o argumento desenvolvido pelo sociólogo Robert Allen, de que o fenômeno político Obama é parte de uma nova política racial nos Estados Unidos através da qual filhos de imigrantes e negros estão emergindo na sociedade como uma força política, procuramos comprovar que fotografia e política atuaram como um recurso essencial para sua vitória.

Como um objeto do desejo, essa fusão de semioses é usada pela mídia como um discurso hegemônico que atua de forma velada sobre a sociedade, impedindo um desenvolvimento autônomo, sobretudo para a grande maioria da população despolitizada, julgando e decidindo por ela. As primeiras impressões causadas pelas fotografias, em geral, provocam uma série de sentimentos que se denominam “estética da sensibilidade”, uma vez que pensamentos e sentimentos são provocados pelas fotografias<sup>9</sup>. As fotos de campanha de Barack Obama são belas e verdadeiras, enquanto dão ao leitor a impressão de que arte apresenta-se distante da política, pela representação de momentos da vida do candidato que o identifica, humanamente falando, como a grande maioria de nós em ambientes semelhantes ao lado da família que, por analogia, torna-se também a nossa. Embora as fotos tenham a sua origem no mercado, elas são valorizadas pelo conteúdo que não visa a obtenção do lucro econômico, mas de um lucro simbólico: a vitória política do candidato. Nesse caso, o conteúdo das fotografias e o seu significado tornam-se acessíveis à maioria da população. Como demonstra o estudo de Sontag, “as fotos tornam-se clichês, enquanto criam objetos de emoção e sentimentalidade”, como valores compartilhados por milhares de pessoas, como partícipes do compromisso social.

#### Referências Bibliográficas:

ALLEN, Robert. (1992) *Black Awakening in Capitalist America: An Analytic History*. Africa World Press second edition: New Jersey.

\_\_\_\_\_. “Barack Obama and the Children of Globalization”. *Journal of Black Studies and Research* Vol 38, No. 4 Winter, 2008.

\_\_\_\_\_. “*Barack Obama*”, National Institute for the study of Dutch Slavery and Its Legacy.

HALL, Stuart. “Encoding/Decoding”. *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies, 1972-79*. London: Hutchinson, 1980. 128-138

SONTAG, Susan . *Sobre Fotografia*. Companhia das Letras, 2007.

---

<sup>9</sup> Veja-se Rod Purcell in: *Photography and Politics*